

VISIBILIDADE GAY NA ESCOLA: ESTUDANTES *QUEER*

Aline Ferraz da Silva*

Resumo

Nesse artigo apresento as considerações e análises presentes na pesquisa em processo, que realizo numa escola pública. Sua constituição deve seu primeiro movimento às manifestações de desconforto e homofobia com relação a um grupo específico de três estudantes gays na comunidade escolar na qual atuo como professora. Percebo que a presença desse grupo desacomoda o cotidiano escolar e desenvolvo minha argumentação com base no potencial desestabilizador desses sujeitos, na intenção de pensar o impensável no currículo escolar. Esse trabalho parte da visibilidade de uma identidade sexual que foge à norma heterossexual e desafia a tendência normalizadora e homogeneizadora da educação. A maneira como esse grupo gay se posiciona e constrói seus corpos cruza as fronteiras do masculino/feminino, desnaturalizando as identidades sexuais e de gênero que se baseiam em características biológicas e se apresentando como diferença que escapa às classificações binárias. Na construção da pesquisa utilizo como referência o pensamento de Michel Foucault, especialmente com relação à construção histórica e discursiva de conceitos como sexualidade, identidade, diferença e normalidade que têm servido para criação e manutenção de padrões de conduta. Ao levar a problematização desses conceitos para o contexto escolar, considero produtiva a teorização queer para pensar a possibilidade de uma educação não heteronormativa, produtora de diferenças, que desconstrua identidades ao invés de tentar cristalizá-las.

Palavras-chave: gay, escola, identidade, queer, diferença.

Mesmo sendo a instituição escolar um local reconhecido de produção da sexualidade e das diferentes identidades sociais¹, falar de sexualidade na escola ainda é uma tarefa difícil. Quando a sexualidade é abordada pelo currículo escolar geralmente a discussão gira em torno das funções reprodutivas, higiene pessoal, controle de natalidade e prevenção de doenças, relegando, nas palavras de Deborah Britzman, as questões da sexualidade *ao espaço das respostas certas ou erradas* (1999, p. 86).

Na legislação educacional não há problematização da categoria sexualidade, ela é apresentada nos PCN (...) *como um invariante histórico, uma entidade natural que*

* Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação - Faculdade de Educação/Universidade Federal de Pelotas. Linha de pesquisa: Currículo, profissionalização e trabalho docente, orientação: Jarbas Santos Vieira. Endereço: rua Marechal Deodoro da Fonseca, 547 / 401, CEP 96020-220, Pelotas-RS. Contato: (53) 3222.5919 / ferraz.aline@ibest.com.br.

¹ Nessa perspectiva encontra-se a produção de Louro (2003, 2000, 1999), Britzman (1999, 1996), Silva (2001, 2000), Woodward (2000) entre outros.

perpassaria todas as culturas ainda que se manifeste nestas de formas diferentes (ALTMANN, 2001, p. 581). Mesmo fazendo referência à diversidade de manifestações da sexualidade, conceitos como homossexualidade ou heterossexualidade tampouco são questionados. Essa pedagogia da sexualidade acaba por legitimar algumas identidades e práticas sexuais e, através do silenciamento, marginalizar outras (LOURO 1999).

A educação institucional desempenha papel decisivo no processo de afirmação de algumas identidades consideradas naturais, desejáveis, e na problematização de outras, vistas como desviantes, anormais (SILVA, 2001). Mesmo a escolarização não sendo o único determinante na produção das identidades sociais, não podemos negar que *as suas proposições, as suas imposições e proibições fazem sentido, têm efeitos de verdade, constituem parte significativa das histórias pessoais* (LOURO, 2000, p. 73, grifo da autora).

O currículo escolar está ligado diretamente à produção de identidades sociais. No caso das identidades sexuais, essa produção se dá através de representações de versões normalizadas de sujeitos (BRITZMAN, 1996), implícitas e explícitas no currículo.

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras (LOURO, 1999, p.31).

Essas pedagogias apresentam a heterossexualidade como padrão natural do ser humano, como norma através do *pressuposto universal da heterossexualidade*, ou seja, a concepção de que *todo mundo é, ou deveria ser, heterossexual e que a heterossexualidade é marcada através de rígidos binários de gênero* (BRITZMAN, 1996, p. 76). Quem transgride as fronteiras do gênero e dessa heteronormatividade é considerado/a exceção à regra. Dessa maneira, a escola está implicada, entre outras possibilidades, na produção de identidades hegemônicas que reforçam relações assimétricas de poder e subordinam determinados grupos sociais.

Ao mesmo tempo, surgem nas salas de aula sujeitos que escapam ao pressuposto sexo-gênero-identidade sexual, ocupando posições de fronteira entre o masculino/feminino. Adotam uma identidade homossexual e assim se identificam, ameaçando a vocação normalizadora da educação (LOURO, 2001). Esses sujeitos

tornam mais evidente que a sexualidade não é algo que existe num estado latente e inato, portanto natural e imutável, do ser humano, mas uma construção localizada num tempo e espaço determinados.

Ao se apresentarem como diferentes, @s alun@s gays salientam a instabilidade de todas as identidades consideradas naturais e apresentam a possibilidade de outras formas, desconsideradas pela escola, de se relacionar com o próprio corpo e de viver a sexualidade. Suas presenças e o desconforto que causam, evidenciam que a sexualidade é mais que uma questão pessoal, ela é social e política (LOURO, 1999), ao contrário daquilo que os discursos curriculares e a legislação educacional produzem a seu respeito.

A partir dessa análise, utilizo uma diferenciação conceitual entre gay e homossexual, pois o conceito *gay nos auxilia a melhor compreender a imagem que as pessoas têm delas mesmas e de seus comportamentos sexuais* (FOUCAULT, 1994), especialmente em se tratando dos sujeitos participantes dessa pesquisa que explicitam e valorizam em suas atitudes seu comportamento sexual.

Novamente recorro às palavras de Foucault:

O comportamento sexual não é, como muito se costuma supor, a superposição, por um lado de desejos oriundos de instintos naturais e, por outro, de leis permissivas e restritivas que ditam o que se deve e o que não se deve fazer. O comportamento sexual é mais que isso. É também a consciência do que se faz, a maneira que se vê a experiência, o valor que se a atribui. É, neste sentido, creio eu, que o conceito de gay contribui para uma apreciação positiva – mais que puramente negativa – de uma consciência na qual o afeto, o amor, o desejo, as relações sexuais são valorizadas (FOUCAULT, 1994,).

Já o homossexual seria o sujeito nomeado e posicionado pelo dispositivo da sexualidade² desde o século XIX (FOUCAULT, 1997, 1999; WEEKS, 1999) como anormal, objeto de intervenção e um dos opostos constituidores da sexualidade normativa heterossexual. A categoria gay representa uma homossexualidade que desafia e ameaça os que estão ligados ao *status quo moral* (LOURO, 1999, p.70) e pode ser interpretada como uma inversão estratégica do dispositivo da sexualidade.

² Segundo Foucault, um dispositivo é “(...) um tipo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (1999, p. 244), no caso do dispositivo da sexualidade seu objetivo é o controle das populações através do investimento nos corpos e da produção de um saber cada vez mais localizado e detalhado da sexualidade humana.

É nessa acepção de uma identidade sexual que ameaça a norma heterossexual que percebo a presença d@s estudantes cidad@s. A visibilidade desse grupo de alun@s gera uma série de reações na turma e na escola, pois alcança professores, funcionários e estudantes. Essas reações vão desde conversas que giram em torno da sexualidade e piadas, muitas vezes feitas por e sobre el@s mesm@s, até atitudes agressivas e reclamações de outros estudantes junto ao setor pedagógico a respeito do seu comportamento.

Cabe perguntar se é possível que a visibilidade de identidades sexuais não normativas³ na escola contribua para desestabilizar esse processo ou para reforçá-lo, já que a constituição da heterossexualidade e da homossexualidade se dá através da mútua oposição dos termos. Na mesma direção, é possível indagar qual o potencial político de mudança para uma escolarização não heteronormativa a partir da visibilidade dessas identidades.

Nesse sentido, destaco a importância da realização de estudos sobre a presença de sexualidades não normativas no ambiente escolar como ferramenta para pensar a educação como produção da diferença. Diferença essa que se opõe ao conceito de diversidade em voga nas políticas educacionais, pois essa pressupõe a existência de coisas diversas a uma identidade central, única. O foco dos discursos oficiais e dos currículos escolares é a identidade e a igualdade, tratando diferença como sinônimo de diversidade. O apelo ao *respeito à liberdade e apreço à tolerância* (BRASIL, 1999, p. 39) e ao (...) *conviver com a diversidade de forma plena e positiva* (BRASIL, 1999, p. 322) são convites à homogeneização e à utilização da sexualidade como uma pedagogia normativa e legitimadora de uma identidade sexual hegemônica que se pretende estável e natural.

Ao se distanciarem da norma, aquelas figuras questionam polarizações e noções de igualdade freqüentes no currículo escolar, contestando a normalização e evidenciando o potencial político da diferença. É nesse sentido que a teorização queer se torna produtiva para essa pesquisa. *Queer* é utilizado na língua inglesa como sinônimo de estranho, esquisito, excêntrico e como referência pejorativa às pessoas não-heterossexuais. Esse termo foi incorporado por algumas vertentes do movimento de

³ O conceito de norma é utilizado no sentido de regras não-jurídicas de homogeneização dos indivíduos e populações, que operam "(...) em nome de uma naturalidade da vida que deve ser precisamente preservada (REVEL, p. 57, 2006) e que instalam padrões de normalidade e anormalidade (CASTRO, 2006).

gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros no intuito de reverter essa conotação negativa de forma irônica e demarcar uma posição não-normativa (LOURO, 1999, 2001, 2004; SILVA, 2004).

Ao sugerir o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como tática de análise de qualquer dimensão da existência, a teoria queer torna a dúvida estimulante e produtiva (LOURO, 2001) e realça o caráter socialmente construído do currículo.

A partir da teoria queer todo o conhecimento legitimado como verdadeiro no currículo, *tradicionalmente concebido como um espaço onde se ensina a pensar, onde se transmite o pensamento, onde se aprende o raciocínio e a racionalidade* (SILVA, 2004, p. 108), pode ser questionado, desfeito e construído de outra forma. *Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade* (ibidem, p. 107), inclusive as verdades cristalizadas na e pela escola.

GAY VISIBILITY IN SCHOOL: QUEER STUDENTS

Abstract

This article presents the considerations and analysis that make part of my research in process in a public school. The construction of this research does its first move to views of discomfort and homophobia related to a specific group of three gay students in a school where I work as a teacher. I realize that the presence of that group disarranges the school quotidian and I develop my argumentation on the unfixing potencial of those individuals, intending to think the unthinkable about the school curriculum. This work starts on the visibility of a sexual identity that runs away from the heterosexual rule and challenges the education tendency to normality. The way this gay group stands and constructs their bodies allow them to cross the borders of male/female, pointing out the non-natural character of sexual and gender identities based on biology, presenting themselves as difference that scapes from binary classifications. One of the references of this research is the thinking of Michel Foucault, specially when talking about the historical and discursive construction of concepts such as sexuality, identity, difference and normality that have been used to create and maintain patterns of conduct. When driving these problematization to the school context, I consider the queer theorization useful to think the possibility of a non heteronormative education, that would be able to produce differences and deconstruct identities instead of cristalize them.

Key-words: gay, school, identity, queer, difference.

Referências

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos Feministas*, ano 9, p. 575-585, 2º. Semestre 2001.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRITZMAN, Deborah P. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, v. 21, p. 71-96, jan./jun. 1996.

_____. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FOUCAULT, Michel. Escolha sexual, ato sexual. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, p. 320-335 por Wanderson Flor do Nascimento [capturado na rede em 28/11/2006]

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Currículo, Gênero e Sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000.

_____. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, 2001. <http://www.scielo.br> [capturado na rede em 08 de abr. de 2006].

_____. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. IN: LOURO, Guacira et al (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Data do recebimento: 13-06-2007

Data do aceite: 29-08-2007